

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N. 9

ANO 14
NOVEMBRO. 2015
MACEIÓ. AL
BRASIL

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992



TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “ΤΟΠΟΝ”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

TESOUREIRA

Maria Edna Melo Silva

SECRETÁRIO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COORDENADORA DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Maria Edna de Melo Silva

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

Stella Maris Souza da Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Michel Rios

CAPA

Michel Rios e Luísa Estanislau



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

Parque Gonçalves Ledo, 47, Farol -

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

gpalmaceio@hotmail.com

QUEM TEM MEDO DE LACAN?

LEDA ALMEIDA GUERRA

Psicanalista, aluna do Instituto da Psicanálise Lacaniana (IPLA),
membro da Liga de Psicanálise Lacaniana e professora da
Universidade Federal de Alagoas.

RESUMO

Este texto faz um breve histórico da trajetória da psicanálise desde sua criação, quando Freud em 1895 atendia às pacientes histéricas da sociedade vienenses até a clínica lacaniana a partir da década de 50 quando o psicanalista Jacques Lacan vai “desregular” um modo de praticar psicanálise exercido pelos pós-freudianos. Sob o argumen-

to do retorno a Freud, Lacan faz uma releitura e introduz conceitos de outras áreas do conhecimento tais como a matemática, a linguística, antropologia etc. Dessa forma o psicanalista francês recupera a virulência da psicanálise para a pós-modernidade, lançando luz para questões sobre questões que afligem a contemporaneidade.

Tenho um jovem amigo psicanalista. Certa vez, motivada pelo seu declarado interesse pelos estudos, convidei-o a, junto comigo, ler Lacan, o psicanalista francês que nasceu em Paris em 1901 e morreu em 1981, depois de ter reinventando a psicanálise. Meu amigo, quase sem pensar, rejeita abruptamente meu convite: não, Lacan não, Deus me livre! Essa reação me provocou a escrever algo que pudesse refletir um pouco mais sobre a questão: quem tem medo de Lacan?

Certamente, não apenas o meu amigo, mas uma legião de pessoas que há muito tempo e por questões várias e distintas fazem uma representação desse psicanalista francês que favorece os receios sinalizados. Entendo, contudo, que, sejam detratores ou simpatizantes do Jacques Lacan, numa coisa eles haverão de concordar: a leitura dos textos de Lacan é bastante difícil, de uma dificuldade tal que, após termos lutado para entender um de seus seminários, somos assaltados por um desconfortável sentimento de vulnerabilidade intelectual. Eu que o diga! Essa vulnerabilidade, num piscar de olhos, pode se transformar num combinado de frustração, ameaça e medo.

Sem dúvida, sua linguagem complexa fundamentada em conceitos matemáticos, no estruturalismo e, de forma peculiar, na linguística de Ferdinand de Saussure e Levi-Strauss para pensar uma nova psicanálise, faz com que seus textos sejam intelectualmente

exigentes. Some-se a isso, seu pouco traquejo pedagógico e o pedantismo de alguns de seus seguidores que desconhecem a importância da simplicidade e passam a reproduzir um lacanês realmente assustador e adverso.

Mas os medos que se tem de Lacan são históricos e, com certeza, vão além da dificuldade de compreender de modo imediato os seus conceitos, a sua clínica. Sim, o temor que se possa ter do lacanismo é de outra ordem, até porque muitos psicanalistas lacanianos, na contramão de outros, escrevem e falam de forma bastante elucidativa sem esvaziar o rigor do conteúdo, a exemplo de Jacques-Alain Miller e dos psicanalistas brasileiros do Instituto da Psicanálise Lacaniana, dentre outros. Então, qual o grande incômodo causado por Lacan?

Vejam, um pouco, sua trajetória pela psicanálise e seus instrumentos para incidir numa clínica do Real para entender melhor essa contenda. Pois se trata mesmo de uma contenda deflagrada por ele a partir da década de 50, quando percebeu que os psicanalistas pós-freudianos haviam colocado a psicanálise numa espécie de camisa de força, enrijeci-

da em suas regras e distante daquilo que Freud houvera proposto.

Lacan a partir da leitura de toda obra do pai da psicanálise, abriu caminho para revisitar seus históricos clínicos, sendo o mais freudiano dos freudianos, mas acrescentando outras perspectivas contundentes e mais amplas que viriam a incomodar sobremaneira os seus colegas da *International Psychoanalytical Association* (IPA), instituição da qual fora “excomungado”, segundo ele próprio.

Talvez para compreender esse trilho devêssemos traçar um percurso histórico do movimento psicanalítico desde os seus primórdios para contextualizar o pensamento lacaniano e, quem sabe, a partir daí, responder a questão ostentada no título desse artigo. Como se fosse um filme, vamos rebobinar o tempo?

No século XIX, Freud é um jovem médico recém-formado que vai a Paris, onde passa quatro meses acompanhando as aulas e os estudos experimentais do médico Charcot, o qual, naquela época, emprega o método da hipnose para tratar quadros de histeria e, assim, liberar suas pacientes de seus sintomas — paralisia, cegueira, dores fortes, tremores etc. O trabalho de Charcot impressiona Freud.

Além disso, junto com o renomado médico Josef Breuer aplicou, em 1886, a técnica da hipnose em vários pacientes e, a partir daí, escreveram juntos “Estudos sobre a histeria”. Era o início do método catártico, precursor da psicanálise. Contudo, o jovem Freud obser-

vava que muitos dos casos não correspondiam aos tratos neurológicos nem obtinham respostas.

Habilidoso em evadir-se das armadilhas das conjecturas, examinando cautelosamente os embaraçados dados empíricos para atingir a exatidão de conclusões refinadas, Freud, nunca se embaraçando com a aparência das evidências, mas sempre mantendo espírito elucidativo de constante reavaliação das capciosas respostas aos experimentos, concluiu sobre a ineficácia da hipnose.

Disciplinado no trabalho científico, foi além, conduzido pelo princípio de que pensar e fazer ciência implica no uso absoluto do tempo para a atividade investigativa, inconciliável com a economia de energia para o trabalho intelectual e diacrônico à ociosidade.

Freud, em sua genialidade e sempre com uma escuta admirável, dá especial atenção ao relato de Josef Breuer quando este lhe diz que no momento em que estava atendendo uma paciente, que ficou conhecida na história da psicanálise como Ana O., o interrompe, pedindo que ele a escutasse porque “precisa limpar sua chaminé”. Breuer, entenden-

do que sua paciente necessitava falar tudo que lhe viesse à mente, calou-se e resolveu atender ao pedido colocando-se unicamente numa posição de escuta. Percebeu que a paciente ao “limpar sua chaminé”, ou seja, ao falar sem amarras, os seus sintomas desapareciam e se dava a cura.

Tal narrativa impressiona Freud, o qual antevê aí a possibilidade de, através da palavra dita livremente, relaxarmos nossa consciência e entramos em outra cena, na grafia do inconsciente. Freud passa então a usar esse método da associação livre com seus pacientes, acreditando que atingiria aqueles traumas que não tinham sido possíveis à neurologia e à psiquiatria, nem tampouco ao método hipnótico nem ao catártico. Nasce assim, o método de tratamento pela palavra: a Psicanálise, cuja proposta é escutar a pessoa na singularidade de sua expressão.

Esse foi o primeiro e vigoroso momento da psicanálise. A partir daí ela cresce, tem a adesão de outros psicanalistas, os quais, no entender de Lacan, fizeram revisões que fragilizaram os princípios freudianos. Lacan, então, escreve o artigo “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, no qual afirma que o sentimento do analista não revela a verdade escondida do analisando. Propõe o retorno à escuta de Freud, à primazia do analisando e a prevalência do significante sobre o significado. Criticava, então, o uso da contra-transferência utilizado como recurso clínico

pelos pós-freudianos assim como a técnica da maternagem.

Lacan, obstinado, não cessa seu caminhar e, mais tarde, na década de 70 propõe uma nova práxis, a qual estava baseada nas mudanças ocorridas no laço social. Ele afirma o declínio da função paterna, bem como a ineficiência do modelo edípico na condução de uma análise. E vai dizer, ainda, que em vez da verticalização existente na modernidade, passa a vigorar na pós-modernidade, ou na modernidade tardia, os padrões verticalizados que exigem uma nova clínica baseada no Real, naquilo que extrapola os sentidos e, por isso mesmo, seria absolutamente necessário rever a psicanálise para que ela não viesse a fenececer e para que ela voltasse a ter a pujança dos tempos de Freud.

Acrescenta que o sonho seja interpretado pelos mecanismos da metáfora e da metonímia, conceitos da linguística e correlatos, respectivamente, aos conceitos de condensação e de deslocamento propostos anteriormente por Freud.

Lacan também vai “desregular”, no dizer de Jorge Forbes, um tipo de análise, calcada sobretudo em princípios kleinianos. Questiona o nú-

mero de sessões, a fixação a priori do tempo cronológico de cada sessão. Fala sobre a importância do ponto de corte, revê o número de sessões e a tão apregoada neutralidade do analista. Ele nega a clínica progressiva, aquela segundo a qual era preciso que o sujeito se aproxime do seu núcleo duro para obter mudança, tal qual uma cebola que para se aproximar do centro haveria de se ir descascando camada por camada. Lacan, segundo Forbes, afirma que cada pessoa tem uma matriz significativa, um axioma significativo — o fantasma — que dá base às suas interpretações na vida.

Em sua segunda clínica Lacan passa a dar ênfase ao Real em lugar do simbólico, não só na palavra, mas no gesto do analista. Palavra que ressoa, gesto que surpreende. Palavra e gesto que minimizam o sentido, equivocam e dão consequência. Uma clínica que não mais explica, mas implica. E por isso mesmo, tão temível para muitos. Uma clínica assentada nas demandas da modernidade tardia, para além do conforto da operacionalidade de uma clínica já sedimentada, praticada segundo regras dominadas, mas na maioria das vezes já não provocadora dos efeitos desejados. Afinal, há um futuro a ser inventado.

BIBLIOGRAFIA:

FORBES, Jorge. (ed.) RIOLFI, Cláudia (org.) *Psicanálise: a clínica do Real*. Barueri, São Paulo; Manole, 2014

LACAN, Jacques (1957) *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1998.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2015
Publicado originalmente em novembro
de 2015 em www.gpal.com.br

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

